



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

NARRATIVAS FÍLMICAS E INTERNET: ALGUMAS REFLEXÕES

Kelly Maia*
(UNIRIO)

Renata Ferreira**
(UNIRIO)

RESUMO

Este trabalho tem como ponto de partida nossa participação enquanto discentes da Pedagogia e do Mestrado, trazendo reflexões com base nas leituras realizadas no projeto de pesquisa “O cinema e as narrativas de crianças e jovens em diferentes contextos educativos”, desenvolvido na UNIRIO sob a coordenação da professora doutora Adriana Hoffmann. Contextualizamos teoricamente a experiência em pesquisa no campo da cultura com o referencial “Estudos Culturais” de Ana Carolina Escoteguy, com o olhar sobre o cinema de duas autoras brasileiras Adriana Fresquet e Rosália Duarte que dialogam sobre as propostas do francês Alain Bergala. Para auxiliar a compreensão do espaço virtual, usamos os conceitos de Pierre Lévy (1996) e Pier Cesare Rivoltella (2006) ao pensarmos que as produções da internet são atos sociais.

PALAVRAS CHAVES: Cinema, Internet, Jovem.

INTRODUÇÃO

O presente artigo apresenta parte do referencial teórico de pesquisas na área do cinema a partir do pensamento de autores no contexto do projeto de

* Mestranda em Educação e membro do grupo de pesquisa “Cinema e narrativas...”, na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro- UNIRIO. E-mail: Kelly05maia@yahoo.com.br

** Graduanda de pedagogia e membro do grupo de pesquisa “Cinema e narrativas...”, na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro- UNIRIO. E-mail: rencof@hotmail.com



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

pesquisa desenvolvido na UNIRIO “O cinema e as narrativas de crianças e jovens em diferentes contextos educativos” sob a coordenação da professora Adriana Hoffman com a nossa participação como discentes de graduação em Pedagogia e do Mestrado em Educação desta universidade.

Dentro do projeto que investiga a experiência de crianças e jovens com as narrativas audiovisuais aqui entendidas como “narrativas cinematográficas” inicialmente utilizamos como referencial o campo de pesquisa do CINE CCH, que acontece uma vez por mês, na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Tal projeto tem outros dois campos a serem observados, uma escola de ensino fundamental e outro de nível médio, em parceria com outros dois professores de Programas de Pós Graduação.²⁸⁸

Apresentaremos o artigo em duas partes, inicialmente os textos e os autores com os quais trabalharemos que servirão de base para nossas reflexões e posteriormente o cinema e a internet, onde o diálogo acontece com os jovens no ambiente do MSN.

Os textos sobre fazer cinema na escola de Fresquet (2008) bem como as discussões sobre “criar em aula” trazidas por Bergala (2008) e sobre a formação estética audiovisual trazidas por Duarte (2008) dialogam entre si, porque trazem contribuições e complementações de base investigativa sobre as possibilidades e as reflexões surgidas de experiências bem sucedidas sobre o fazer cinema na escola.

²⁸⁸ Trata-se da pesquisa realizada por Adriana Mabel Fresquet intitulado “Currículo e Linguagem Cinematográfica na Educação Básica” e Pedro Benjamin Garcia intitulado “Formação do Leitor com Imagem & textos em Roda de Leitura”.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

Reflexões sobre os artigos

Em meios a tanta diversidade, na forma de ser, pensar, agir e na abertura de relações interpessoais gerados pela internet, cabe fazermos uma análise através das contribuições de Ana Carolina Escosteguy²⁸⁹ (1999) sobre o processo de evolução dos “Estudos culturais”.

No texto em que apresenta “O que são os Estudos Culturais” Escosteguy (1999) nos permite não só considerar as novas tendências de pesquisas na área da cultura, que se configuram num novo modelo de sociedade, mas iniciar um estudo de análise que envolve o percurso dos estudos da cultura pela tradição, predominantemente, ressaltada pela classe hegemônica da Inglaterra e Estados Unidos.

Originalmente, nestes países a invenção dos Estudos Culturais tinha um caráter complexo, enraizados de preconceitos e expressava as diferenças de duas concepções cultura e popular. As preocupações se concentravam em problematizações da cultura, agora entendida em uma aparição mais ampla de possibilidades no qual despontam os domínios do popular. A cultura converte – se de um conceito invadido de distinção, hierarquia, elitismos e segregação para um outro caminho de aceção em que se alarga os sentidos que estão em constantes movimentos. Cultura deixa, gradativamente, de ser um espaço ocupado pela erudição, tradição literária e artística, de padrões estéticos elitizados e passa a apreciar, também, a tendência das multidões. Em sua flexão multifacetada, o conceito incorpora novas e diferentes possibilidades de sentido, é o início dos Estudos Culturais como investigação dos sujeitos e os grupos sociais.

Ressaltamos que, para a autora, estudos culturais é um campo de estudo, em que diversas disciplinas se interseccionam no estado de aspectos culturais da

²⁸⁹ Ana Carolina Escosteguy é professora titular da PUC- RS.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

sociedade contemporânea, constituindo uma interdisciplinaridade, cujo apoio primordial da pesquisa são as relações entre a cultura contemporânea e a sociedade.

Escosteguy divide o percurso dos estudos culturais em três fases. Uma primeira chamada embrionária, na visão teórica, em que se iniciam análises sob uma perspectiva que valoriza algumas expressões como meio de resistência, afirmando que nas classes populares não há apenas a submissão aos modelos hegemônicos. Na visão político, mais ligado a uma estratégia político-econômica de correção, ou seja, os estudos eram voltados às manifestações de luta de classe, sem a intenção de permitir alargar as manifestações culturais da massa.

A segunda fase, ao final dos anos setenta a metade da década de oitenta, em que ocorreu a consolidação dos estudos culturais como campo teórico específico, ficando secundária a politização. Começam os estudos focados mais no sujeito, na subjetividade, intersubjetividade e nas práticas de comunicação.

Os estudos culturais nessa fase não perdem totalmente o eixo político, ganham duas vertentes, uma que abrange o sujeito nas suas manifestações e outra que questiona a mídia televisiva, a intenção de manipular a opinião em favor da ideologia dominante.

Esse período é de fundamental importância para o campo conceitual dos Estudos Culturais, na linha marxista a contribuição se deu no sentido de compreender a cultura na sua “autonomia relativa”, de não depender, mas sofrer reflexões da política e economia.

E um terceiro momento, a partir de meados dos anos oitenta, em que ocorreu sua internacionalização, permitindo que novos eixos passem a ser avaliados, como as relações étnico-raciais, de gênero, discussões de pós-modernidade, entre outros.

Os Estudos Culturais, portanto, compreendem os produtos e processos



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

culturais relativos aos agentes da reprodução social acentuando sua natureza complexa, dinâmica e ativa na construção da sociedade, ora havendo embates, ora concordância.

Entendemos que os Estudos Culturais se comprometem com o estudo de todas as manifestações de artes, crenças e instituições de uma sociedade. Logo, toda forma de produção cultural precisa ser examinada e, nesse caso, enfatizamos o papel do cinema na educação.

As contribuições de Alain Bergala²⁹⁰ (2008) contidas no texto “Criar em aula: um ato de passagem” é a ideia de que a arte do cinema na escola é um encontro com a alteridade. O cinema pensado como identidade desperta um questionamento sobre o comum, afasta o instituído, proporcionando novos olhares, novas idéias e possibilidades. Para ele, o cinema deve estar na escola não como campo específico de um professor ou como conteúdo curricular, mas proporcionar uma prática criativa, uma experiência direta e pessoal ao abrir novos horizontes de possibilidades que permitam a experiência estética. O estudante precisa tornar-se um sujeito que sente e pensa sua própria prática.

Para Bergala (2008) a arte cinematográfica na escola perpassa a abordagem de conteúdos dos filmes, suplanta uma visão pedagógica dominante. O autor entende que o cinema é arte, por isso defende que o cinema de criação precisa ser mostrado às crianças e jovens. Advoga em prol dessa perspectiva de cinema, que envolve a criatividade e o criar, diz que este deve ser o foco do trabalho educativo do professor e da escola.

A pedagogia do cinema proposta por Bergala (2008) possibilita uma experiência com cinema significativa para os sujeitos da escola, para professores, dispostos a vivenciarem com crianças e jovens outras formas pedagógicas, de se

²⁹⁰ O francês Alain Bergala é crítico de cinema, ensaísta, roteirista e diretor.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

fazer e produzir saberes, que rodeiam a criatividade, a satisfação, o divertimento e outros afetos.

Adriana Fresquet²⁹¹ (2008) faz uma abordagem sobre as experiências de Bergala (2008), defendendo em seus estudos a ideia de que a criança deve assistir filmes de qualidade, pois a experiência com o cinema ainda na infância marca a memória afetiva pessoal.

Para a autora, o melhor objetivo que a escola pode propor hoje é se aproximar dos filmes como obras de arte e cultura. A pedagogia do cinema é caracterizada pela aproximação do objeto. Vale ressaltar que essa aproximação deve sempre ocorrer de modo criativo.

Fresquet (2008) acrescenta que para Bergala (2008), o professor e o artista na escola devem ajudar os alunos a se tornarem espectadores criativos do cinema e também realizadores. Ao proporcionar saída a salas de cinema que ofereçam filmes alternativos e simultaneamente criar no espaço escolar uma DVDteca que permita novas vivências. Propõe que o professor estabeleça relações entre trechos de filmes diferentes, desafiando e inspirando a curiosidade nas crianças e jovens de assistir o filme na íntegra fora do momento da aula.

Amar o cinema frequentemente significa querer compreender como se tem dirigido os filmes, aprender a apreciar a arte da composição de uma sequência, explorar a inventiva desse olho formidável que é a câmera. Mas, poucas vezes significa interessar-se no processo de fabricação dos filmes: essa parte muito concreta do cinema quase sempre fica oculta, como um prato do qual por querer conhecer demasiado os ingredientes se acaba estragando o sabor (STRAUSS, HUERT, 2007, p3 Apud FRESQUET, 2008).

Nesse sentido, a proposta de Bergala (2008) de fazer cinema na escola é uma experiência de aprendizagem que avança pela educação, porque traz novas

²⁹¹ Adriana Mabel Fresquet é professora adjunta na UFRJ.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

leituras e interpretações envolvendo a arte, o belo, o criar e recriar. O conceito de cinema e educação nessa narrativa é desconstruído porque inaugura um interesse de aproximação que nasce do cineasta ao propor aprender arte fazendo arte.

A contribuição de Rosália Duarte²⁹²(2008) se dá na reflexão sobre o papel educativo do cinema, pelo ponto de vista dos primeiros realizadores e o olhar do espectador ao pensarmos na produção do conhecimento que é socialmente construído.

Inicialmente as primeiras narrativas filmicas parte dos Estados Unidos, com Griffith no início do século XX, se baseava em textos literários, se acreditava que exercia intervenção nas massas, então seu caráter era pedagógico, com intenção de “educar” a massa popular.

Para tanto, utilizam-se como fonte textos de lançamento de movimentos estéticos cinematográficos, surgidos nos primórdios da invenção do cinematógrafo, que tinham como objetivo apresentar propostas para o que deveria ser a nova arte.

Outra demanda das propostas que buscavam articular cinema e educação emergiu no interior do próprio cinema e está na fundamentação de alguns dos mais importantes movimentos estéticos cinematográficos. A concepção de que o cinema deveria participar diretamente da educação, política e estética das massas parece existir desde muito cedo. Sob esse prisma, somos conduzidos a crer que o uso do cinema como instrumento para a educação das massas permeia desde o início o campo da educação, dos produtores de cinema e da gestão pública.

Fugindo dessa perspectiva, Duarte (2008) defende a ideia de que o cinema — como a arte em geral — é pedagógico em si mesmo e sua pedagogia está intrinsecamente arrolada às escolhas técnicas e estéticas, a partir das quais as obras cinematográficas são construídas.

²⁹² Rosália Duarte é Professora Associada da PUC-RJ.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

A autora afirma que, ao trabalhar com o cinema em sala de aula é importante que o professor identifique com as crianças as várias possibilidades de construção da narrativa fílmica, seja ela mais ou menos complexa. Explica ser necessário uma reeducação do olhar, ou seja, desenvolver com os alunos critérios a partir dos quais eles poderão ler criticamente os filmes e não apenas entendê-los como bons ou ruins.

Para ela, é importante priorizar a busca pela qualidade do que se vê, conduz-se o professor a pensar na possibilidade de ensinar as crianças a ver filmes, cujo objetivo deve ser construir com elas os conhecimentos necessários para a avaliação da qualidade do que veem e para a ampliação de sua capacidade de julgamento estético. Desta forma, propor a formação estética de espectadores na escola é dispormos aos sujeitos acesso a conhecimentos que favoreçam o julgamento estético de obras produzidas em linguagem audiovisual.

Apesar de toda essa configuração pedagógica em torno do cinema, às vezes até exaustiva em “busca” do conhecimento, Duarte (2009) ao abordar sobre as conexões do receptor, nos diz que este é provido de subjetividades que estão além de serem demarcadas, e estas vão interferir, completar e modificar, sua visão diante do visto. O modo como o sujeito estrutura e compõe significados a obra, está impregnada de suas experiências, o que nem sempre se encontra com o que o produtor e o esperam.

Cinema e Internet

Fresquet (2008) ao dialogar com Bergala (2008) contribui com nossa pesquisa, porque adiciona o conhecimento da pedagogia da própria imagem. A pedagogia do cinema proposta por Bergala (2008) possibilita uma experiência de espectador criativo bem mais profunda para além da simples decodificação de



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

signos presentes no filme. Nessa ação estética sugerida às escolas, o espectador aprendiz é convidado a fazer uma leitura criativa dos filmes, a assumir o lugar do autor, a acompanhar com sua imaginação todo o processo criativo, vivenciando emoções, escolhas e dúvidas do ato da criação.

Assim, para esse autor, na experiência de se fazer cinema, o aprendizado não passa necessariamente pela palavra ou razão, mas, principalmente, pela observação, pela emoção, pela sensação apresentada diante do outro, além do tempo de análise e observação do que se tem produzido. É necessário avaliar as possibilidades de tempo, de recursos pessoais e materiais em função do projeto a ser alcançado, bem como reservar tempo suficiente, para examinar, entre todos, acertos e escolhas coletivamente.

Em busca de compreender as manifestações sociais nessa relação com as discussões de cinema e educação trazemos para o campo da pesquisa a internet especificamente em relação aos vídeos postados na rede. Entendemos que essa produção com a linguagem audiovisual é uma extensão do “fazer” cinema como discutido anteriormente.

O ambiente virtual desses vídeos é o YouTube, site exclusivamente de conteúdos fílmicos, de postagem livre, permissão de acesso mundial e de downloads para alguns conteúdos. Hoje assistimos reproduções de seu conteúdo em programas de TV, comentados em jornais, revistas e na sala de aula.

A reflexão iniciada neste artigo dialoga com os estudos teóricos sobre os ambientes virtuais de aprendizagem²⁹³ com base em três aspectos: Pesquisa – além do impulso inicial do copiar e colar, focando a intertextualidade; Comunicação – abordando a linguagem escrita utilizada no MSN com a combinação

²⁹³ Os ambientes virtual de aprendizagem, também são conhecidos como AVA. A pesquisa referendada, foi fruto da monografia do curso de pós graduação Lato Sensu.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

de elementos audiovisuais; e Postagem – como possibilidade de ferramenta pedagógica interativa e interdisciplinar.

O conceito de virtual para Lèvy (1996) está no campo da nossa imaginação, não existe em ato, mas em potência, gera mudanças, movimentos diferentes na organização do que se “materializa” pelos ambiente da virtualização, nos permite viajar por diferentes lugares, sem necessidade de nos locomovermos fisicamente.

Nas palavras de Lèvy (1996) “Quando uma pessoa, uma coletividade, um ato, uma informação se virtualizam, eles se tornam “não presentes”, se desterritorializam. Uma espécie de desengate os separam do estado físico ou geográfico ordinários e da temporalidade do relógio e do calendário”.

Dado como exemplo, à comunicação pelos sites de relacionamento, em destaque o MSN, onde o reducionismo na linguagem escrita, combinando figuras, sons, torna coloquial no seu padrão e livre de regras ou pelo menos isenta das regras da norma culta. O utilizar do tempo também ganha outra dimensão, é a lógica do “não perder tempo”, que faz com que se abra e feche diversas janelas tornando, mantendo o usuário multitarefado.

Nesse sentido, queremos trazer para o diálogo uma passagem ocorrida no segundo semestre do ano anterior, de conversa informal pelo MSN, que girou em torno de uma série acessada pela internet²⁹⁴, ilustrando os modos de comunicação e o olhar diante do visto. A princípio são duas pessoas no diálogo sobre a série da TV Cidade dos Homens usando os nomes fictícios: João, pesquisadora e Paula, sendo que esta é citada no início e entra no final da conversa. Cabe ressaltar que a conversa transcrita no MSN foi alterada para o formato de entrevista respeitando-se as falas surgidas nesse contexto:

João: Eu e Paula achamos o filme dentro da realidade. Vimos que o

²⁹⁴ Episódio Uólace e João Victor- Seriado Cidade dos Homens- ano 2008.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

pobre e o rico tem o mesmo pensamento, mas em vidas diferentes.

Pesquisadora: Você assistiu com a Paula?

João: Sim. Gostei da parte da vitrine em que um pensa uma coisa enquanto o outro está dentro da loja experimentando...

Pesquisadora: Lembra dos caras em grupinho que cada um pensou uma coisa?

João: É,é,é. Eles saíram correndo desesperados!!!

Pesquisadora: E você acha que a sociedade faz a gente pensar desse jeito?

João: Mais ou menos... Eu acho que tem pessoas alertas que já estão meio preparadas para isso, que já sabem o que acontece no dia a dia. E tem alguns que são meios desligados que são acostumados com outras regras (saindo de outro estado) e não são acostumados com as pessoas de riam do ladrão etc Mais o menos isso...

Pesquisadora: Mas aquele colega deles é da cidade grande e nem percebeu nada.

Sabe de qual estou falando?

João: Está falando do menino da favela?

Pesquisadora: Não, estou falando daquele amigo do João Vítor que não se importa em não tirar nota baixa.

João: O gordinho? Porque ele é acostumado com papai e mamãe, nunca deve ter saído com amigos, nunca deve ter visto as consequências do dia a dia!!! No meu pensamento é assim!!

Pesquisadora: Ah! Você lembrou do pai e da mãe, eu acho que tem diferença nas mães e você?

João: Sim, sim... Uma trabalha corrigindo provas e a outra no hotel! A mãe do menino da favela dorme no trabalho e a outra não. A mãe do menino do asfalto pega muito no pé dele. A da favela deixa o filho sozinho em casa, acho que é confiança...

Pesquisadora fala para Paula que entra na conversa: Então, eu estava falando, que toda historia é contada por alguém e perguntei quem conta essa história dos meninos.

Paula: Acho que eles mesmos, são meninos diferentes, com classes diferentes, mas com pensamentos iguais.

Pesquisadora: Esses pensamentos são iguais em quê?

Paula: Na forma de pensar.

Pesquisadora: Eu pensei que eles ficariam amigos, mas cada um segue o seu caminho.

João: Acho que os pais não queriam muito essa amizade, pelo jeito deles serem.

(conversa extraída do MSN em outubro de 2010)

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

Uma simples passagem de conversa pelo MSN pode levantar amplas discussões, mas o que trazemos para reflexão é o conteúdo do diálogo travado sobre o filme, carregado de interpretações pessoais e de leituras com base nas experiências dos sujeitos. Na interpretação deles a respeito do filme, aparece a questão da amizade, das diferenças e semelhanças entre a vida dos personagens, ou seja, o olhar de cada um a respeito do filme.

Usando a abordagem feita por Rivoltella (2006), podemos dizer: “Que a nova paisagem das mídias digitais modifica o espaço público, produz também uma decisiva redefinição da ideia e dos espaços de cidadania”. Estamos a todo o momento inserindo novos modos digitais de ver, saber e habitar a sociedade, e isto vem transformando naturalmente modelos culturais de nossos tempos.

Os modos de produção e audiência trazidas pelos jovens na multiplicidade dos espaços suscita uma série de questões emblemáticas não só para a educação, mas esbarra nos modelos tradicionalmente concebidos de produção do conhecimento. O olhar diante da tela de cinema, por exemplo, que antes era cabível só aquele momento, hoje não mais se congela no espaço e tempo das salas de cinema. Ele se tornou móvel e interativo ao ser inserido na internet e ser compartilhado, ganhando outras dimensões e extrapolando a linha do espaço, tempo, produção, criação e autoria.

CONCLUSÕES

A aproximação do cinema e da internet com a educação dentro e fora da escola ganha força na medida em que vamos nos inserindo em diferentes narrativas, de exibição de filmes, de diálogos, de construções compartilhadas, de ir e vir a partir das leituras, releituras e criação que os textos e autores nos propõem.

Os desafios voltados para esse olhar diferenciado se esbarram na própria trajetória histórica da educação no Brasil, pautada em conquistas, em avanços e



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

retrocessos, ora reproduzindo categorias tradicionais, ora sujeito ativo no processo que pensa a escola de outra forma.

Com o envolvimento do aprendizado que estamos vivenciando, através dos exercícios que a pesquisa vem nos proporcionando, de interlocução entre teoria e prática, percebemos que o cinema vai além de criar, reproduzir, debater os filmes, envolve também proporcionar um pensar sobre esse fazer. E nesse aspecto, os diferentes pontos de vista, as dinâmicas variadas, as percepções e ações inesperadas se somam e trazem novas discussões.

A passagem aqui relatada pelo MSN não nos mostra toda a dimensão ou peso que a internet tem para aqueles jovens que as usam com caráter fílmico, porém nos dão pistas para um aprofundamento nessa área. Questões de ordem econômicas sociais permeiam a questão. O que podem nos levar a apontar, por exemplo, que há interesse dos jovens em interagir com outros jovens e discutir os vídeos postados, nos levando a pensar em outras questões como: quem são esses jovens? Por que o interesse no cinema? Suas narrativas são baseadas em experiências de criação, postagem ou somente de simples espectadores do contexto audiovisual? São interrogações que podem contribuir para uma pesquisa mais densa sobre o tema que proporcione um fazer pedagógico de maior diálogo.

Identificamos que é imprescindível, favorecer através de políticas públicas, o acesso permanente as TICs, as salas de projeção, a obras cinematográficas de qualidade, afiançando diversidade estética, narrativa, geográfica e cultural. Entendemos que quando se pretende fazer cinema na escola, encontramos poucas experiências de êxito, principalmente quando se pensa no cinema como arte. Fazer cinema na escola constitui um ato político de legitimação dos direitos das crianças e jovens de pensar, decidir e expressar seus sentimentos, além de conceber suas idéias sobre o mundo.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

Como mais um ponto reflexão, lembramos que assim como o acesso a salas de cinema não é possível para todos, a internet também não tem acesso livre extensivo a toda a população, permitindo-nos uma discussão política e econômica de que o acesso a informação também é uma forma de poder e levantando a questão: o que se estaria privilegiando quando nem todos podem ter acesso ao cinema nem mesmo por meio da internet?

REFERÊNCIAS

- BERGALA, Alain. **A hipótese-cinema**: pequeno tratado de transmissão do cinema dentro e fora da escola. Tradução Mônica Costa Netto, Silvia Pimenta. Rio de Janeiro: Booklink/CINEAD-LISE-FE/UFRJ, 2008.
- DUARTE, Rosália; ALEGRIA, João. Formação estética audiovisual: um outro olhar para o cinema a partir da educação. **Educação e Realidade**: Dossiê Cinema e Educação, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 59-80, jan./jun. 2008.
- DUARTE, Rosália. **Cinema e Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002
- ESCOSTEGUY, Ana Carolina. **Afinal o que são Estudos culturais?**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- FRESQUET, Adriana Mabel. Fazer cinema na escola: pesquisa sobre as experiências de Alain Bergala e Núria Aidelman Feldman. In: Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação em Educação (ANPED – GT de Educação e Comunicação), 31., Caxambu, 2008. **Anais...**, Caxambu, 2008.
- LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** Trad. Paulo Neves. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 1996
- RIVOLTELLA, Pier Cesare. Sociedade multi-ecrãs das recomendações educativas à mídia-educação. **Livro Screen Generation. Gli adolescenti e le prospettive dell'educazione nell'età dei media digitali**. Vita e Pensiero, Milano.2006.
- Filmografia:**
- MORELLI, Paulo. **Cidade dos Homens**: Uólace e João Victor. 2008. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=s-tbdl8daFk>>. Acesso em abril de 2011.